

UM ESTUDO SOBRE O ACESSO ÀS POLÍTICAS PÚBLICAS PELO POVO INDÍGENA KARÃO JAGUARIBARAS DA SERRA DE BATURITÉ, ARATUBA (CE).

Francisco Gleidison Cordeiro Lima¹
Andrea Yumi Sugishita Kanikadan²

RESUMO

O povo Jaguaribaras também conhecido como povo Karão tem suas raízes no que hoje corresponde ao território cearense, especialmente na serra de Baturité e suas adjacências bem como os cursos de rios sendo um dos mais antigos habitantes. O trabalho consistiu em analisar o acesso às políticas públicas pela comunidade. Trata-se de realizar diagnóstico sociocultural, econômico e ambiental. Analisar quais as políticas públicas que nunca existiram na comunidade, conhecer os motivos pelos quais algumas políticas não chegam à comunidade, conhecer sua história, seus costumes, bens materiais e imateriais, ligações espirituais, suas formas de reprodução social, de modo a destacar a importância deste povo no espaço cearense, pontuar as mudanças no modo de vida e seus impactos na cultura. A análise da economia, das ligações e costumes sociais ligada à agricultura, se fez possível entender parcialmente as culturas, formas de plantio, diversidade, o papel ideológico, sociológico e antropológico, numa ótica cosmológica desse povo e dos costumes que os regem, que os faz lutar pelo direito de existir e pelo direito de ser diferente, mediante ao respeito de que estava aqui antes de todos os outros.

Palavras-chave: Agricultura Kalembe Território .

UNILAB, IH, Discente, franciscogleidison@yahoo.com.br¹

UNILAB, Administração Pública, Docente, akanikadan@unilab.edu.br²

INTRODUÇÃO

Em linhas gerais estamos tratando de um povo presente no período pré-colonial no que hoje corresponde o território cearense, e que ao se tratar das sofridas batalhas enfrentadas pelos povos tapuios, a qual pertence esse povo, sendo essa uma diferencial dos povos presentes no Estado do Ceará. O povo Jaguaribaras hoje conhecido como Karão ou Karão Jaguaribaras são citados em crônicas e documentos antigos, e com a quebra de silêncio nos permite analisar mais de perto suas questões socioeconômicas. Analisar quais as políticas públicas que nunca existiram na comunidade, conhecer os motivos pelos quais algumas políticas não chegam à comunidade, conhecer sua história, seus costumes, bens materiais e imateriais, ligações espirituais, suas formas de reprodução social, de modo a destacar a importância deste povo no espaço cearense, pontuar as mudanças no modo de vida e seus impactos na cultura, sendo grande destaque nesse projeto a agricultura e seu contexto.

METODOLOGIA

O estudo caracteriza-se como interdisciplinar e qualitativo. Para isso, a metodologia a ser utilizada consiste em uma combinação de técnicas de pesquisa com princípios sociológicos e antropológicos, realizadas em duas etapas. A primeira etapa consistiu na documentação indireta, com pesquisa bibliográfica voltada aos temas em questão. Essa etapa teve um papel fundamental no desenho da estrutura de pesquisa, pois é a partir dela que as questões foram formuladas e permitiu constituir os instrumentos de coleta de dados com as principais perguntas: 1. Qual sua categoria de trabalho? 2. O que você acha mais prazeroso fazer na terra? 3. Que tipo de grãos você gosta de plantar? 4. O que a agricultura representa em sua vida? 5. O que a agricultura representa pra sua comunidade? 6. Como foi sua trajetória escolar? 7. Qual sua rotina com as equipes de saúde?

O segundo consistiu em referenciais teóricos, utilizados para se atingir o objetivo do estudo e referem-se a conceitos relacionados a outras formas de desenvolvimento para além do crescimento econômico. Foram igualmente mobilizados os referenciais relacionados ao conceito de desenvolvimento territorial de Bernard Pecqueur (2005) e multifuncionalidade da agricultura (CARNEIRO e MALUF, 2003).

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A pesquisa foi realizada principalmente na Aldeia feijão, por ser o lugar base de organização desse povo, que fica localizado na divisa dos municípios de Aratuba e Canindé sendo que o local está dentro do mapa de território de Canindé mas a população é de Aratuba, o que acaba de certa forma dificultando o acesso a políticas públicas municipais, e raramente é levando em consideração o mapa mental do povo e a proximidade e intimidade com o município de Aratuba.

Como se trata de um povo que recentemente quebrou o silêncio (Termo utilizado pelo movimento do povo

Karão Jaguaribaras para designar o ressurgimento perante o Estado ao se tratar do processo “emergencial étnico” que por sua vez não são um povo que estão surgindo agora, mas um povo que habitavam e habitam as terras cearenses) algumas políticas públicas específicas para povos indígenas não foram ainda implantadas, como saúde e educação diferenciadas. Mas encontramos na agricultura um elo que liga a forma de vida com um grande destaque em seu etnodesenvolvimento, como a sustentação principal de autonomia econômica e social de se manterem suas culturas vivas.

Para entender a agricultura desse povo temos que primeiramente entender duas importantes órbitas contextuais que regem culturalmente esse povo, primeiro, a posição que os grãos ocupam dentro da cosmovisão onde são colocadas junto com a porção familiar e o termo geral chama-se Kalembre e é utilizado para definir um significado de vivência em coletivo, e em segundo que para manter suas culturas precisam de um amplo território como seminômades de áreas bem definidas. As sementes são chamadas de PINGORÓ (presente da chuva) e fazem parte das correntes de espíritos (energias) como as águas e o fogo, e que fazem parte da KALEMBRE. O termo KA tem o significado espiritual que tem como opostos o KI que é referente ao material (corpo e suas utilizações) e o LEMBRE ao que parece ser referência ao que nunca se deve esquecer, também é interpretado como o meu sentimento por vocês, por isso esse termo é usado em coletivo, no sentido de uma gigantesca família junto com plantas e animais como também corpos e espíritos, tudo o que está dentro do contexto de vida desse povo que contem energias. Os ciclos de produção de grãos são baseadas trimestralmente, o que fazem esses povos subir e descer da serra várias vezes durante o ano, para plantação, manutenção e colheita. Os lugares de plantios são chamados de GOROJÓ, como uma cosmologia de terreiro sagrado que dá alimento para toda uma nação, um presente divino da grandiosa mãe terra.

TABELA: CLASSIFICAÇÃO DE ALGUMAS SEMENTES USADAS PELOS POVOS KARÃO JAGUARIBARAS

Classificação-Principais Divisão dos grãos
geral grãos

Algumas das principais pingoró

	Boró	Maripela	Doce	Empalhado	Pé de	Katete	Vinho	Maça
Mi / Pi (Milho)	Pipoka	Gurdura	Branco	Preto	Grande	Amarelo	Alho	Vinho
Arroz		Zebú	Vermelho	Branco	Agulha			
	Moita	Cabrito	Carrapicho	Pretin	Sete	Buyn	Corugim	Vinho
	Arraque Das almas	Lavandeira	Rutilo	Nego nú	Rosinha	Branco	Vermelho	Azul
	Feijão	Camilo	Branquim	Grande	Mayado			
Vage	Corda	Abacate	Bage mole	Kākão	Buy	Verdão	Corujão	Costa de ferro
Pingoró	Barrigudo	Canapum	Roxo	Pintado	Da	Cocão	Rabo de	
	Farrá (fava)	Furtuna	Mantega	Feijão	Jatoba	Urea de	Esprito	Preta
	Mandioka	Bujá	Manipeba	pipoka		vô	santo	
Manin	Makaxera	Eucalipito	Agua	Pakajá				
	Kabaça Saçira		morrna					
Rama		De colo	De gogo	Quiabo gigante				
	Leite	Chata	Cumprida					
	Jiry mun Kaboco	Jandaia						
	Batata Pepina	Rainha	Roxa	Jiry mun	Feijão	Ritirana	Branca	
Quiabo		Chifre de	Curto					
Maxixe		bode Grande	Pelado	Peludo	Amargo			

Fonte direta do projeto

CONCLUSÕES

Esse estudo reflete o objetivo, que era realizar um estudo sobre o acesso as políticas públicas pelo povo Karão Jaguaribaras. Porém ainda é necessário uma análise mais profunda sobre o tema e sobre a leitura de mundo desse povo. Bem como influências de estruturas maiores sobre sua cultura, isso porque, ainda nos dias atuais, apesar de existir forças maiores a qual venha manter a originalidade dos povos indígenas no geral, ainda há uma tentativa de apagamento histórico, com fins de padronizar, substituir e dar continuidade ao colonialismo, inferiorizando suas culturas tentando impor uma cultura ocidental dominante presente no capitalismo.

Trata de pensar e entender o mundo social, tendo em vista o rompimento com correntes de pensamento predominantes na sociedade que buscam a “evolução” dela, por exemplo, dando a entender que a mesma deve obter progresso na marcha de desterritorialização. Para estes povos a vivência com o solo sagrado vem em primeiro lugar e isto faz com que haja uma categorização vinculada a responsabilidade de cuidar do solo habitado.

AGRADECIMENTOS

Primeiramente agradecer os grandes espíritos diurnos e noturnos que nos faz existir, a orientadora que bravamente acompanhou esse desafio e faz um grandioso trabalho sócio cultural e ambiental junto com GEPI (Grupo de Estudo Com os Povos Indígenas), a UNILAB (Universidade Internacional da Integração da Lusofonia Afro-brasileira) que realiza no estado do Ceará e que junto ao CNPQ (Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico) financiaram esse projeto. Ao povo Karão Jaguaribaras que atenciosamente participou alegremente das atividades e a todo meu Kalembe que me guia a que caminhos trilhar.

REFERÊNCIAS

BRASIL. Lei no 11.645, de 10 de março de 2008. Diário Oficial [da] União, 10 mar. 2008. Disponível em:

BRITO, T. Apenas uma das 25 áreas indígenas do Ceará está regularizada. In: OPOVO Online, 19 abril 2017. Disponível em . Acesso em 28 maio 2017.

CONQUISTA E POVOAMENTO DO MACIÇO DE BATURITÉ 1972 Vinicius Barros leal

CARNEIRO DA CUNHA, M. Relações e dissensões entre saberes tradicionais e saber científico. In: Revista USP, São Paulo, v. 75, p.76-84, 2007.

CARNEIRO, M.J.; MALUF, R.S. Introdução. In: CARNEIRO, M.J.; MALUF, R.S. (Org.). Para além da produção: multifuncionalidade e agricultura

Escobar, A. El postdesarrollo como concepto y práctica social. In: DANIEL MATO (Ed.). Políticas de economía, ambiente y sociedad en tempos de globalización. Caracas: Facultad de Ciencias Económicas y Sociales, Universidad Central de Venezuela, 2005. p. 17-31.

HAGUETTE, T. M. F. Metodologias qualitativas na sociologia. Petrópolis: Vozes, 1987. 224p.

HIRST, P. Globalização em questão: a economia internacional e as possibilidades de governabilidade. Petrópolis: Vozes, 1998. 364p.

KANIKADAN, A. Y. S.; SILVA, R. J. N.; MARQUES, P. E. M. Ações públicas para o desenvolvimento local da comunidade quilombola do

Mandira em Cananeia / SP: uma análise a partir da expansão das liberdades humanas e da multifuncionalidade da agricultura. In: VI Encontro da Rede de Estudos Rurais, 2014, Campinas. Anais do VI Encontro da Rede de Estudos Rurais, 2014.

LIMA, F.G.C. Relatos informais, 2018.

MALUF, R. A multifuncionalidade da agricultura na realidade rural brasileira. In: CARNEIRO, M.J.; MALUF, R. (Org.). Para além da produção: multifuncionalidade e agricultura familiar. Rio de Janeiro: Mauad, 2003. 230p.

MARQUES, P. E. M.; KANIKADAN, A. Y. S. PROJETOS DE DESENVOLVIMENTO LOCAL EM COMUNIDADES QUILOMBOLAS: OLHARES SOBRE LIBERDADE, INOVAÇÃO E ATITUDES. Raízes (UFPB), v. 35, p. 47-59, 2016.

Moreira, R.J. Críticas ambientalistas à Revolução verde. Estudos Sociedade e Agricultura, Rio de Janeiro, v. 15, p.39-52, 2000.

Notas históricas sobre os indígenas cearenses". (CARLOS ESTUDART FILHO 1931

PÁDUA, J.A. de. Um sopro de destruição: pensamento político e crítica ambiental no Brasil escravista, 1786-1888. 2.ed. Rio de Janeiro:

RIBEIRO, D. O povo brasileiro: a formação e o sentido do Brasil. São Paulo: Cia das Letras, 1995. 480p.

SAHLINS, M. O pessimismo sentimental e a experiência etnográfica: por que a cultura não é um objeto em via de extinção pt.1: Mana:

SAHLINS, M. O pessimismo sentimental e a experiência etnográfica: por que a cultura não é um objeto em via de extinção pt.2: Mana: Socioambiental, 2008. 194p.